

QUER ME ADOPTAR?

Escrito por Flávio Colombini

Ilustrado por Lúcio Mazzaro

Publicação: Ideias Brilhantes Editora.
Diagramação: Flávio Colombini.
Revisão de texto:
Luisa Ghidotti e Alessandra Colombini.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colombini, Flávio
Quer me adotar? / Flávio Colombini ; ilustrado
por Lúcio Mazzaro. -- São Paulo : Ideias Brilhantes
Editora, 2023.

ISBN 978-65-85221-08-5

1. Adoção - Literatura infantojuvenil 2. Cães -
Literatura infantojuvenil I. Mazzaro, Lúcio.
II. Título.

23-163736

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

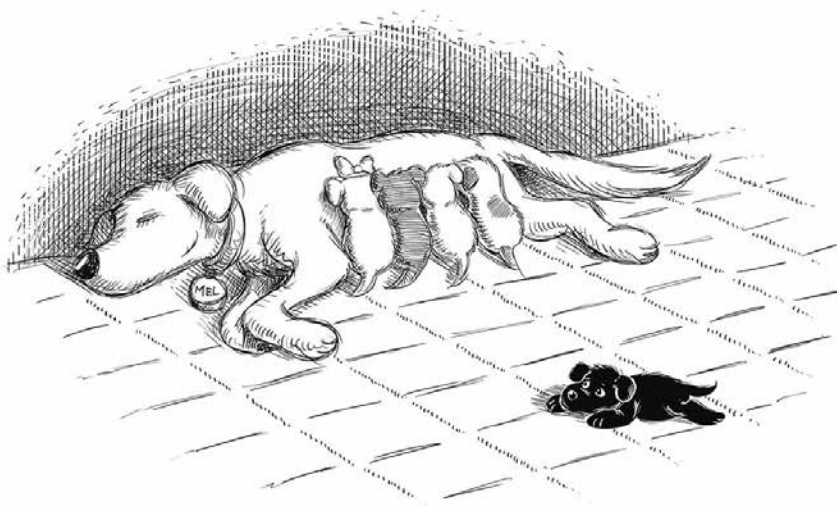
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1

Uma linda cadela, chamada Mel, teve cinco filhotinhos. Eu era um deles. Recebi o nome de Toby. Quando mamãe se deitava para nos alimentar, meus irmãos sempre conseguiam mamar antes de mim, e eu ficava por último.



Daí eles pegavam logo no sono, e eu ficava com a mamãe só pra mim, até que eu também dormia.

Os donos da minha mãe não tinham condições de ficar com os filhotes. Ofereceram a gente para parentes, amigos

e conhecidos, mas ninguém queria adotar cachorrinhos. Só depois de tentarem muito é que conseguiram doar dois filhotes. Mas ainda sobraram três: eu e meus irmãos Bob e Teca.

Quando crescemos um pouquinho, decidiram nos levar embora. Foi triste ter que me despedir da minha mãe tão cedo na vida. “Tchau, mamãe!”



Para onde será que iriam nos levar?

Capítulo 2

Fomos deixados num lugar chamado Lar Animal. Era um abrigo para bichos e um centro de adoção. Colocaram a gente num espaço pequeno e fechado. Logo sentimos falta da mamãe. Não tínhamos mais o colo quentinho dela pra dormir, as tetas dela pra nos amamentar, a língua dela pra nos acariciar, nem o amor dela pra nos confortar. Aprendemos a tomar leite frio numa tigela e a cuidar uns dos outros.

No abrigo, havia muitos animais. Tinha cachorros, que latiam alto. Tinha gatos, que miavam. Pássaros, que cantavam. Um galo, que cocoricava. Um papagaio, que gritava. Tinha também animais silenciosos, como coelhos, hamsters, porquinhos-da-índia, uma tartaruga e até uma cobra. Num aquário, havia alguns peixes.

Cada animal tinha sua história. O cachorro Pingo tinha-se perdido dos donos. O gato Lalau tinha fugido de casa. O galo era colocado em rinhas (brigas de galos) e já tinha se machucado bastante. O antigo dono do papagaio perdeu a guarda dele porque o levava pra beber pinga no bar e lhe ensinava a falar palavrões para rir com os amigos. Outros bichos tinham sido abandonados ou sofrido negligência ou maus-tratos. Mas a maioria dos animais era como nós, que estávamos ali só porque nossos donos não tinham mais condições de ficar com a gente.



O centro de adoção recebia visitas de pessoas interessadas em adotar algum bichinho de estimação. Quando um visitante aparecia, todos os animais ficavam alvoroçados, tentando ser simpáticos, na esperança de chamar a atenção dos visitantes. Assim, tinham mais chances de serem adotados.

O dono do abrigo se chamava Alberto. Ele sustentava o local sozinho, com ajuda de doações. Mas estava sempre lamentando a falta de dinheiro. Vários voluntários o ajudavam a cuidar dos animais. Eles nos davam comida, limpavam nosso cocô e xixi, nos davam banho uma vez por semana e até nos davam carinho, quando sobrava um tempinho.

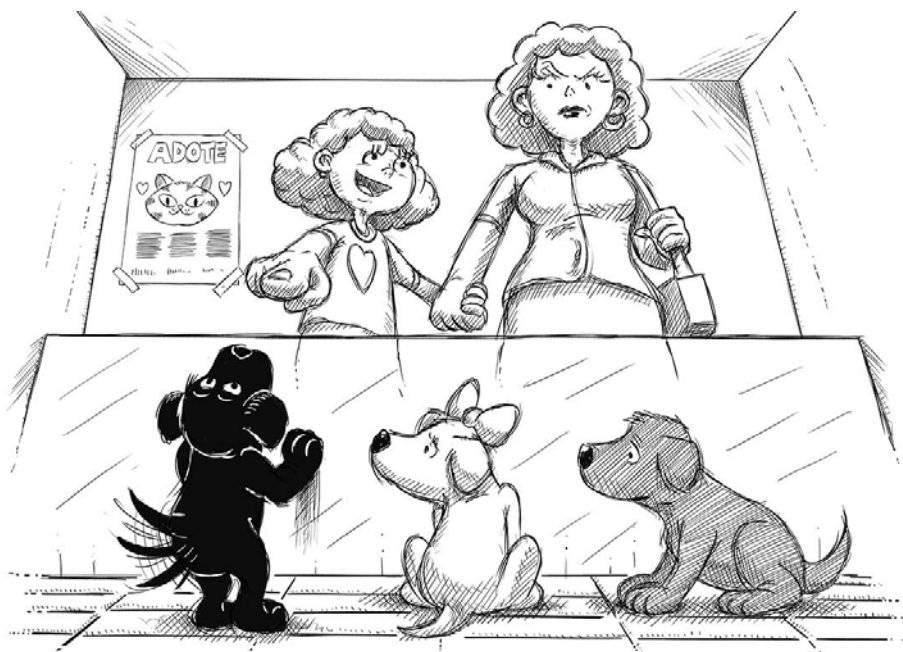
À noite, o local ficava mais triste. Os funcionários iam embora e deixavam os animais sozinhos. Alguns cães choravam e uivavam de tristeza.

Capítulo 3

No segundo dia em que estávamos lá, uma mãe e sua filha vieram e ficaram olhando alegres para mim. Fiquei feliz com a atenção. Abanei meu rabinho e fiz uma gracinha. Elas sorriram. Será que iriam me adotar? A mulher falou com o voluntário do abrigo e apontou para o lugar em que eu estava. O moço a acompanhou e perguntou à menina:

— Qual você vai querer?

A garota apontou para mim.



A mãe dela, porém, falou:

— Não, o pretinho não!

— Mas eu gostei dele... — insistiu a filha.

A mãe não lhe deu ouvidos e falou para o voluntário:

— Vamos levar o cinza-claro.

Ela apontou para meu irmão, Bob. O moço o pegou e entregou à menina. Ela hesitou, mas pegou o filhote nas mãos e abriu um sorriso, mostrando que estava feliz. Eu fiquei triste, pois não fui adotado e ainda perdi meu irmão. Não tive nem tempo de me despedir dele.

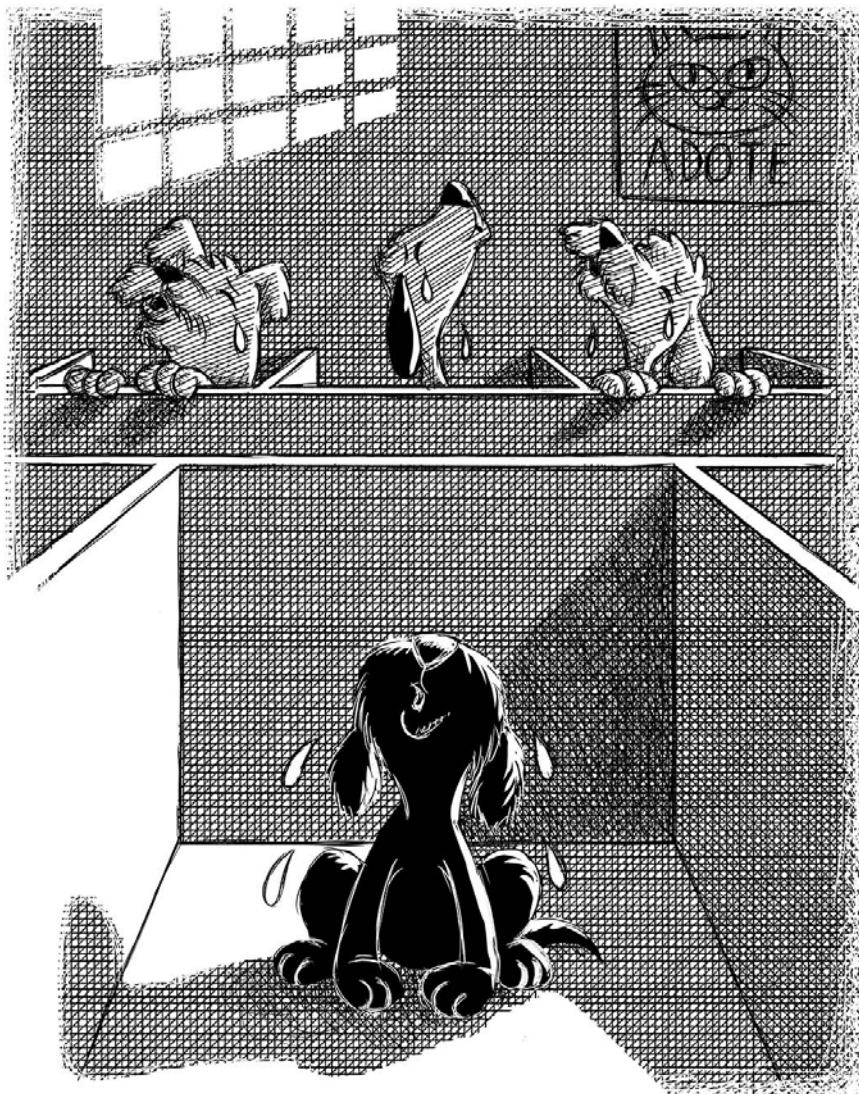
Agora só sobramos Teca e eu. Nós comíamos bem e brincávamos bastante um com o outro. Mas isso era tudo que podíamos fazer naquele lugarzinho, que foi ficando cada vez mais apertado, conforme a gente crescia. Teca queria que uma família adotasse nós dois juntos, pra gente nunca se separar.

Um dia, chegou um pai, uma mãe e um filho. Ficaram olhando todos os cachorros e pararam na gente. Ficamos felizes e esperançosos. Latimos, pulamos, fizemos festa pra eles. Até que o garoto tomou uma decisão e apontou para minha irmã. O funcionário a pegou e a deu para o menino sorridente. Teca olhava pra mim com dúvida. Não sabia se ficava feliz por estar sendo adotada, ou se ficava triste por se separar de mim. Quando a levaram, eu lati, dizendo pra ela ficar feliz.

Eu não tinha dúvida. Estava triste. Não fui adotado e ainda fiquei sem meus irmãos. Estava sozinho. E agora, o que

seria de mim?

Naquela noite, eu chorei. Quando os outros cães ouviram meu lamento, começaram a chorar também, pra me fazer companhia.



Senti-me confortado por receber o apoio deles. Os humanos não me queriam, meus irmãos se foram, mas, naquele momento, percebi que tinha muitos amigos naquele abrigo e podia contar com eles.

Por que será que ninguém queria me adotar? Quando aparecia um visitante, eu tentava ser simpático, deixava a pessoa me acariciar, lambia a mão dela, fazia cara de coitadinho. Mas nada dava certo. O que havia de errado comigo?

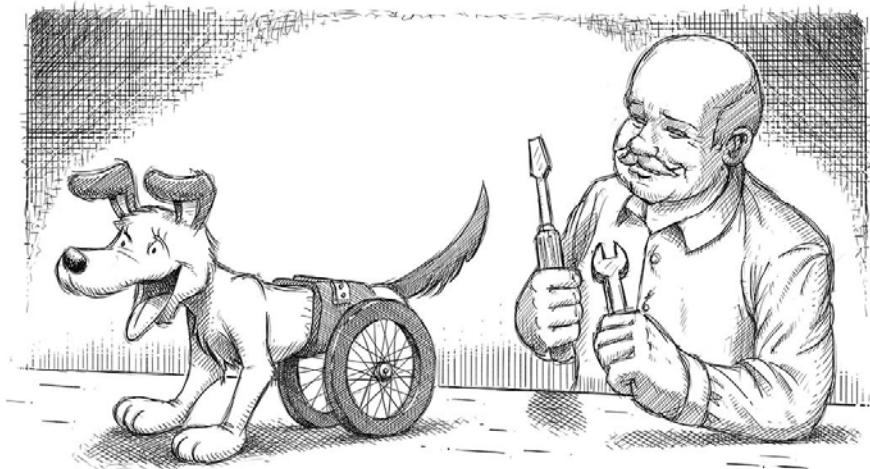
Com o tempo, muitas pessoas foram passando por lá, para adotar um bichinho ou para trazer um animal que precisava de adoção.

Até que eu cresci. O dono do abrigo comentou:

— Que pena que ele não foi adotado ainda filhote! Quando já está adulto, é bem mais difícil. Além disso, tem gente que não gosta de cães e gatos pretos.

Capítulo 4

Um dia, chegou lá uma cadela, chamada Lucy, que tinha sido atropelada e perdido o movimento das patas de trás. Ela estava muito abalada. Seu Alberto pegou as rodas de uma bicicleta infantil descartada e construiu um andador para Lucy, que ficou toda feliz em poder caminhar de novo.



Ela chamava a atenção dos visitantes e, em pouco tempo, já foi adotada. Confesso que senti uma pontinha de inveja dela pela adoção rápida, enquanto eu esperava, esperava...

Tinha uma menina, chamada Clara, que morava na mesma rua e costumava visitar o abrigo. Ela amava animais, mas seus pais não a deixavam ter um, porque a casa em que moravam era pequena. Já que não podia adotar um, resolveu ajudar a todos e se tornou voluntária no abrigo. Ela sempre perguntava ao seu Alberto como podia ajudar.

Ele indicou um cão, chamado Bento. Ele apanhara muito do antigo dono, que perdeu a guarda do animal devido aos maus-tratos. Só que agora Bento tinha medo de seres humanos. Quando alguém chegava perto, ele se afastava e se encolhia no canto, tremendo de medo.

Então Clara teve uma ideia. Ela tinha na mochila um livro infantil, que havia pego emprestado na biblioteca da escola. Sentou-se perto do cão e começou a ler a história para ele em voz alta.



Isso ajudou Clara a praticar, pois ela tinha dificuldade de leitura. Aos poucos, Bento foi acostumando-se com a presença da garota e perdendo o medo dos humanos. Os dois foram beneficiados com essa troca.

Clara ficou minha amiga também e, sempre que chegava no abrigo, me acariciava e conversava comigo.

Uma vez, dois jovens mal-encarados pararam na frente do Lar Animal. Reparei que um deles tinha uma cicatriz de queimadura na mão direita. Eles olhavam atentamente uma senhora que estava visitando o abrigo e tirava fotos de vários animais com um telefone celular bonito.

Quando ela saiu, ficou parada na porta com o celular na mão. Um dos jovens fechou a cara, atravessou a rua e caminhou em direção a ela. Eu achei suspeita aquela atitude e comecei a latir bem alto.



Quando o moço ia pegar o celular da senhora, assustou-se com meu latido e hesitou.

A mulher percebeu o perigo, guardou o celular na bolsa e entrou de volta no abrigo. Os jovens se afastaram. Clara viu a cena e foi falar com a mulher:

— A senhora chamou um táxi? É melhor esperar aqui dentro. Tem dois caras que costumam roubar celulares aí na rua.

Depois, a menina veio falar comigo:

— Obrigada, Toby, por assustar os ladrões! Você acredita que eles costumam ficar parados na frente da minha janela, fumando um cigarro fedido e falando besteira? — Ela franziu a testa e concluiu: — Não gosto deles!

Certa vez, uma pessoa adotou todos os peixes do aquário, mas deixou só um, que tinha uma nadadeira defeituosa. O apelido dele era Velhinho. Ele ficou morando sozinho no aquário. Às vezes trocávamos olhares. Eu sentia dó de vê-lo tão solitário.

Chegou uma hora em que eu fiquei cansado de morar num espaço tão apertado. Mas não podia fazer nada pra mudar minha situação. Só podia sonhar. Desejava tanto ter um dono pra me dar carinho, brincar comigo, me levar pra passear e correr num lugar amplo. Queria ser amado, livre e feliz. Será que isso era pedir demais?

Capítulo 5

Num belo dia, finalmente chegou a minha vez. Um casal de idosos apareceu e gostou de mim. Eles resolveram me adotar! Mal podia acreditar que meu sonho estava sendo realizado!



Eles me levaram para a casa deles. Era um lugar lindo e espaçoso. Eu fiquei tão feliz que mal podia me conter. Saí correndo pela casa e fui pro quintal. Fiz xixi nas plantas, depois

cavouquei o chão com as patas traseiras. Que delícia ter tanto espaço pra brincar! Sem querer, derrubei um vaso, que caiu no chão e se quebrou. Em seguida, vi umas roupas penduradas num fio. Pulei e as puxei para o chão para brincar com elas. O casal começou a gritar comigo.



Eles não pareciam muito felizes com aquilo, mas eu estava tão empolgado que não liguei pra opinião deles.

Quando os dois saíram para pegar as roupas do chão, eu entrei na casa e inspecionei o local. Achei um sofá tão fofo que deu vontade de morder, para ver o sabor que tinha. Não era gostoso, mas era divertido. Continuei brincando ali até que os meus novos donos voltaram. Acho que eles não gostaram de me ver comendo o sofá deles.

Na mesma hora, colocaram-me no carro e me levaram de volta pro Lar Animal, onde falaram que eu não me adaptei à casa deles e que estavam me devolvendo. Fiquei confuso e não consegui entender por que eles não gostaram de mim, se eu gostei tanto deles.

Mas, àquela altura, eu não podia fazer mais nada. Lá estava eu, de volta ao meu cubículo de sempre.

Capítulo 6

Certa vez, ouvi Seu Alberto mencionar que tinha acabado todo o seu dinheiro. O abrigo estava recebendo pouquíssimas doações. Ele reclamou que o local estava precisando de reformas, principalmente na parte elétrica. Também disse que só tinha ração para aquele dia. No dia seguinte, os animais já não teriam mais o que comer. Ele estava chateado e sem esperança.

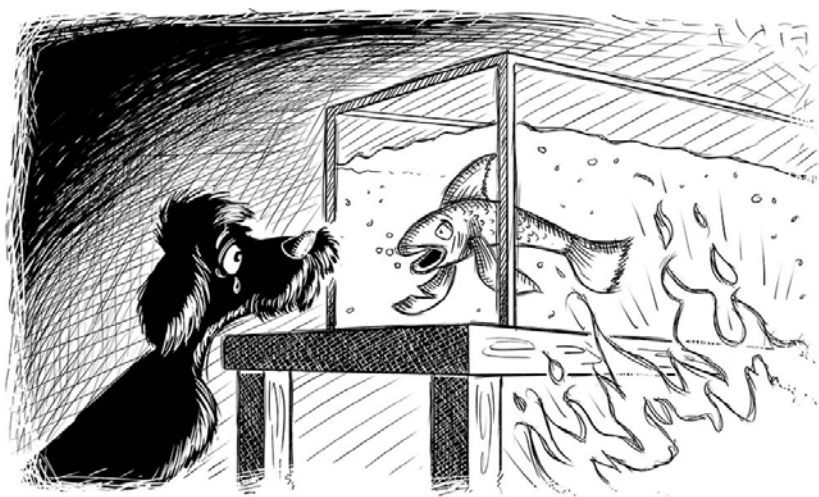
Naquela noite, quando todos os bichos estavam dormindo, eu acordei com um barulhinho estranho. Vi uma tomada com uns fios elétricos soltos dando curto-circuito e soltando faíscas. Abaixo dela havia uma pilha de jornais, que eram usados para forrar o chão dos recintos dos animais. De repente, os jornais começaram a pegar fogo. Fiquei preocupado. Se aquelas chamas se espalhassem pelo abrigo, os bichos morreriam queimados.

Todos os animais despertaram e ficaram alvoroçados. Ninguém sabia o que fazer. Os cães começaram a latir, os gatos, a miar, e os pássaros, a piar.



Eu resolvi agir. Dei um pulo alto e consegui sair do meu cercado. Cheguei perto do fogo e comecei a latir. Não sabia como apagar aquelas chamas.

Foi então que eu olhei para o aquário e tive uma ideia: e se eu conseguisse usar a água do aquário para apagar o fogo? Daí eu olhei para o peixe solitário. Ele olhou para mim. Senti que ele estava tentando se comunicar comigo. Eu lati dizendo que, se eu jogasse o aquário no fogo, ele iria morrer. Ele me respondeu: “Não se preocupe. Eu já sou velho e vivi bem minha vida. O mais importante é salvar os outros animais”.



Eu puxei uma cadeira, subi nela e comecei a empurrar o aquário, mas era muito pesado e mal se movia. Empurrei com mais força, e nada. Depois desci e me afastei. Então corri, peguei impulso, pulei e empurrei com toda a minha força o aquário, que finalmente se moveu e foi para o chão.



Caiu com tudo e se quebrou. A água do aquário conseguiu apagar o fogo. Oba! Que ótimo!

Mas o fogo já tinha se espalhado por uma cortina. E agora, o que faço? Eu pulei alto, agarrei a cortina com minha boca. Ela se soltou e caiu no chão. Eu fiquei arrastando a cortina em chamas pelo chão molhado, até o fogo se apagar por completo. Ufa, finalmente estávamos salvos!

Então eu vi o peixe solitário se debatendo no chão. Tive uma ideia. Peguei-o com a boca, coloquei meu focinho pra dentro do recinto do Bento e joguei o peixe na tigela de água que estava ali. Era um espaço apertado, mas pelo menos o peixe continuou vivo. Todos os animais ficaram alegres, me agradeceram e fizeram festa pra mim. Fiquei muito feliz!

Capítulo 7

No dia seguinte, quando os voluntários chegaram, me viram fora do meu espaço e ao lado daquela bagunça. Acharam que eu tinha feito tudo aquilo por pura malcriação. Ficaram bravos e me deram uma bronca. Depois, foram olhar a gravação da câmera de segurança e finalmente entenderam o que tinha acontecido.



Daí eles mudaram completamente de atitude. Ficaram felizes comigo por ter salvado o local de uma tragédia.

Publicaram o vídeo do salvamento na internet. Chamou muita atenção. Teve milhões de visualizações. O público ficou sensibilizado com a situação do abrigo e começou a doar dinheiro para ajudar. O Lar Animal recebeu muitas doações. Seu Alberto me abraçou com força e disse:

— Primeiro você nos salvou do incêndio e depois nos salvou da falência! Agora temos dinheiro pra comprar comida pros animais, pagar as dívidas e ainda fazer uma reforma tão necessária.



Graças ao vídeo, eu fiquei famoso. Apelidaram-me de Cachorro Bombeiro ou Cão Salvador. Então muitas e muitas pessoas quiseram me adotar. Seu Alberto e os voluntários não sabiam o que fazer com tantos pretendentes. Até que acharam uma solução. Pediram pra que todas as pessoas interessadas em me adotar fossem a uma praça próxima

ao abrigo, no sábado seguinte, às 10 horas da manhã.

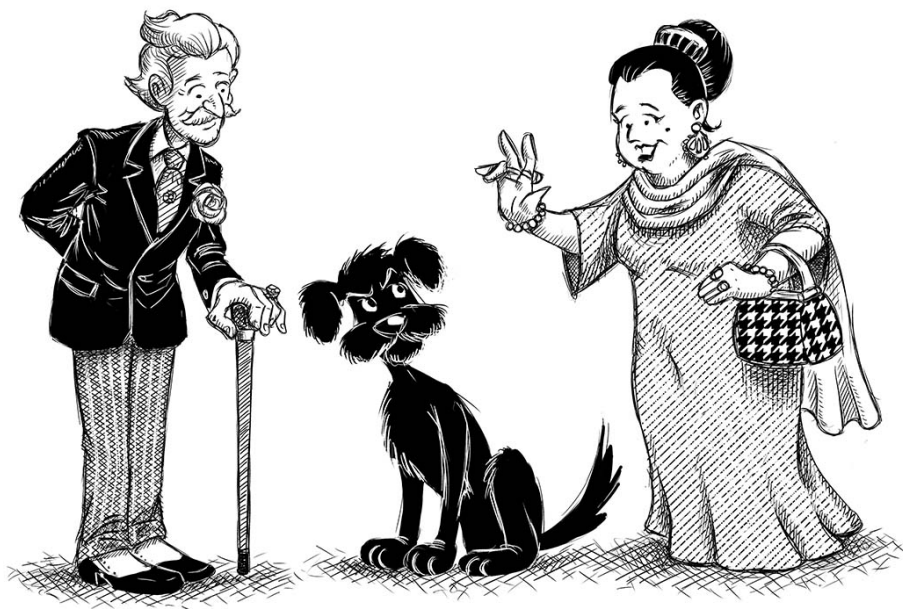
Apareceu bastante gente, inclusive fotógrafos, cinegrafistas e repórteres de jornais, TVs e outras mídias. O dono do abrigo falou para todos os interessados em me adotar:

— Façam uma roda e deixem um espaço no meio.

Daí ele me colocou naquele espaço e anunciou:

— Vamos deixar o próprio Toby, nosso cachorro herói, escolher quem vai ser o seu dono.

Eu fiquei ali no meio, sem saber muito bem o que fazer. Olhei todas as pessoas que estavam à minha volta. Havia homens, mulheres, velhos e crianças. Algumas pessoas cumprimentaram um senhor, chamado Júlio, que parecia muito rico. Reparei também numa mulher vistosa. Ouvi dizerem que o nome dela era Diva, uma atriz famosa, defensora dos animais. Pensei em ir até ela, mas hesitei.



Percebi que sentia mais atração pelas crianças. Fiquei olhando cada uma delas. Até que vi um grupo de crianças unidas. Elas me olharam com tanta esperança que, sem pensar, eu fui andando em direção a elas e as deixei me acariciar.

Seu Alberto então gritou para todos:

— É com alegria que anuncio que as crianças do Centro de Acolhimento Vida Nova vão ganhar a guarda do Toby!



Todo mundo gritou de alegria, inclusive eu, que lati alto, vibrando de felicidade por finalmente estar sendo adotado.

Voltamos ao Lar Animal, onde me despedi de todos os bichos. Os voluntários me deram um abraço coletivo, e Seu Alberto me disse:

— Você foi o cachorro mais especial que já passou pelo nosso abrigo. Obrigado por tudo! E que você seja muito feliz no seu novo lar!

Então, fui levado para a minha nova casa. Descobri que as crianças que moravam lá não tinham família, por diversas razões diferentes. Algumas, os pais tinham falecido, outras tinham sido abandonadas, ou sofrido maus-tratos, ou os pais usavam drogas, ou tinham sido presos... Assim, todas elas vieram parar naquele centro de acolhimento.

Achei que aquela era uma grande coincidência. Assim como eu tinha passado muito tempo em um abrigo, esperando para ser adotado, aquelas crianças também estavam na mesma situação, aguardando para serem adotadas ou voltar para a guarda dos pais ou parentes.

Eu me apaixonei pelas crianças que me adotaram. Brincávamos juntos o tempo todo. Elas me davam muita atenção e carinho, e eu lhes dava o meu amor. Finalmente meu sonho estava realizado! Fiquei extremamente feliz!

SEGUNDA PARTE

Capítulo 8

O Centro de Acolhimento Vida Nova era um lugar amplo, com espaço para correr e brincar. Lá, eu vi muitas roupas no varal. Tive vontade de pular nelas, mas me contive. Dentro da casa, vi um sofá fofinho, que me deu vontade de morder, mas eu me segurei. Afinal, não queria ser devolvido de novo. Estava decidido a me comportar para ser aceito no meu novo lar.

Com a convivência, percebi que muitas crianças estavam passando por dificuldades.

Uma menina de 7 anos, chamada Aline, tinha sido abandonada pelos pais e fora criada pela avó, que um dia ficou doente e não pôde mais cuidar dela. Daí a garota foi morar no abrigo. Ela me disse que sentia saudades da casa e do cachorro dela, que sempre dormia com ela. Então, eu tive uma ideia. Meu lugar de dormir era no quintal, mas, à noite, eu subi até o quarto de Aline e a vi triste, com dificuldade de dormir. Pulei na cama e me deitei ao seu lado. Ela ficou muito feliz com a minha presença. Começou a me acariciar, até que foi pegando no sono e dormiu como um bebê. Fiquei feliz em poder confortá-la com a minha companhia.



Ana era uma adolescente, de 16 anos, que tinha chegado no abrigo aos 5. Passou anos desejando ser adotada. Mas isso nunca aconteceu, e ela ficou arrasada. Tinha baixa autoestima e não se interessava em participar de atividade alguma.

Com minha curiosidade e espontaneidade natural, eu me aproximei dela, tentando fazer amizade. Ela se abaixou para me acariciar. Depois de uns instantes, deu um sorriso. Uma funcionária, chamada Paula, viu isso de longe e se admirou. Mais tarde, ela me pegou no colo e contou:

— Aquela menina que você conheceu agora há pouco, a Ana, está sempre triste, e você conseguiu fazê-la sorrir pela primeira vez em muito tempo.

Depois, Paula conseguiu uma coleira e sugeriu para Ana:

— Faz bem para os cachorros sair de casa de vez em quando. Você não gostaria de levar o Toby pra passear?

Ana hesitou, mas depois aceitou. Ela colocou a coleira em mim e me levou pra passear pelas ruas do bairro. A gente topou com uns jovens que também estavam passeando com um cachorro, o Pluto. Eu fiquei brincando com ele, enquanto Ana fez amizade com os adolescentes.

Daí em diante, ela sempre me levava pra passear no mesmo horário, pois sabia que ia se encontrar com aquela turma. Ela ficou feliz por fazer novos amigos e passou a ser uma pessoa mais alegre e interessada pela vida.



Outra vez, em nossa casa, vi um menino sozinho no canto. Achei-o parecido comigo. Era escurinho como eu. Seu nome era João Vítor. Fui até ele, querendo fazer amizade. Mas ele se afastou e não deu bola pra mim. Fiquei magoado. Estava acostumado a receber carinho e atenção das pessoas. Por que será que ele não gostou de mim?

Mais tarde, a funcionária Paula me contou que João foi mordido por um cão quando era pequeno. Depois disso, ficou com medo de cachorros e nunca chegou perto deles.

Três vezes por semana, os funcionários levavam as crianças para brincar na praça, a mesma onde eu as escolhi como minhas donas. Lá tinha parquinho e cachorródromo.

Um dia, apareceram por lá dois cachorros de rua. João ficou com medo deles e se afastou. Acontece que os cães feroces percebem o medo das pessoas e aí sentem mais vontade de atacar. E foi isso o que aconteceu. Eles avançaram em João, que ficou apavorado.

Eu estava preso na coleira, sendo levado por Ana. Mas fiz força, e ela me soltou. Eu corri até João e lati ferozmente para os dois cães vadios. Eles eram maiores do que eu, mas não tive medo. Falei para eles se afastarem do meu humano, senão iam levar a pior.

Eu latia com tanta convicção, que eles acreditaram em mim e se afastaram. O menino ficou aliviado e grato por eu tê-lo protegido.

Quando estávamos de volta no abrigo, ele me acariciou pela primeira vez. Fiquei muito feliz por ter conseguido um novo amigo!



Em meu novo lar, também conheci um casal de irmãos, Luís e Laís. Ainda bebês, eles sofreram maus-tratos e negligência por parte da mãe, que era viciada em drogas e perdeu a guarda deles.

Os dois desejavam ser adotados juntos, assim como Teca e eu quisemos um dia. Laís tinha a pele mais clara que a de Luís, pois tinham pais diferentes. Um casal, que visitou o abrigo, achou Laís uma graça e manifestou interesse em adotá-la, mas sem o irmão, pois não queria dois filhos.

Os funcionários, porém, comunicaram ao casal que a lei não permitia a adoção de irmãos separadamente. Havia pouca esperança de que os dois fossem adotados, justamente por causa dessa dificuldade.

Até que, um dia, apareceram dois homens, que se apresentaram como um casal homoafetivo. Achei que eles seriam bons pais para o casal de irmãos. Mas eu precisava fazer com que eles se conhecessem.

Fui até o quarto da Laís e peguei uma boneca dela. A menina estranhou e me seguiu. Então, eu deposei a boneca bem aos pés dos homens visitantes. Eles começaram a conversar com Laís, depois com Luís, e se apaixonaram pelos irmãos.

Primeiro, levaram os dois para passear. Depois, para passar o fim de semana com eles. O casal e as crianças se deram muito bem.

Até que os homens finalmente decidiram adotar as duas crianças. Laís e Luís ficaram muito felizes, porque seriam adotados juntos e ganhariam dois pais super amorosos.



Capítulo 9

Algum tempo depois, em uma noite fria, acordei com Clara me chamando. Estranhei. Fui até o portão e a encontrei lá. Estava afobada e me disse:

— Toby, vem comigo, é urgente!

Mas eu não sabia como sair de lá. O portão era alto. Vasculhei o perímetro e percebi que a última grade do portão tinha um espaço maior entre as barras de ferro. Eu me espremi e consegui sair. Nisso, João Vítor apareceu e também saiu do mesmo jeito que eu.

— O que aconteceu? — o menino perguntou.

Clara andava apressada, e nós fomos atrás dela, que se apresentou para João:

— Oi, sou amiga do Toby, do tempo em que ele vivia no Lar Animal. Eu moro pertinho de lá e percebi uma movimentação estranha. Vi dois ladrõeszinhos saindo do local. Fui ver o que tinha acontecido. Eles tinham arrombado a porta do Lar Animal e entrado para roubar coisas. Não devem ter achado nada de valor, ficaram bravos e soltaram todos os bichos. Vocês entenderam? Os animais fugiram do abrigo! Seu Alberto e os voluntários só vão descobrir isso amanhã de manhã, quando chegarem pra trabalhar. A gente tem que achar os animais agora, senão vai ser tarde demais!

Depois de nos contar tudo, ela começou a correr, e nós a seguimos, até que chegamos à rua do Lar Animal e começamos a procurar os bichos que escaparam.



O primeiro animal que encontramos foi o galo. Tentamos pegá-lo, mas ele era muito veloz. Quanto mais a gente corria, mais rápido ele fugia.

Então vimos Felícia, uma gatinha preta. Ela estava em apuros, sendo perseguida por três homens bêbados, que gritavam que gato preto dava azar. Eles encurralaram a gata em um canto. Ela estava morrendo de medo.

Clara correu e se colocou entre a gata e os homens, que deram risada da garotinha. João correu e fez o mesmo. Ficou ao lado de Clara, entre a gata e os homens. De novo, eles deram risada e os ameaçaram:

— Saiam da nossa frente agora! A gente vai pegar esse gato preto e jogar longe, pra ele nunca mais dar azar pra ninguém!

— Gato preto não dá azar! Isso é só uma superstição — Clara retrucou. Os homens zombaram dela e se aproximaram para pegar a gatinha.

Foi então que eu fiquei com raiva e fui para a frente das crianças, rosnando e fazendo cara de mau para os homens embriagados. Eles se assustaram comigo e gritaram:

— Essa não, primeiro um gato e agora um cachorro preto! O azar tá nos perseguindo. Vamos dar o fora daqui!

Eles foram embora em disparada. Clara resgatou a gatinha assustada e a levou de volta pro abrigo. Quanto ao galo, nós não o vimos mais.



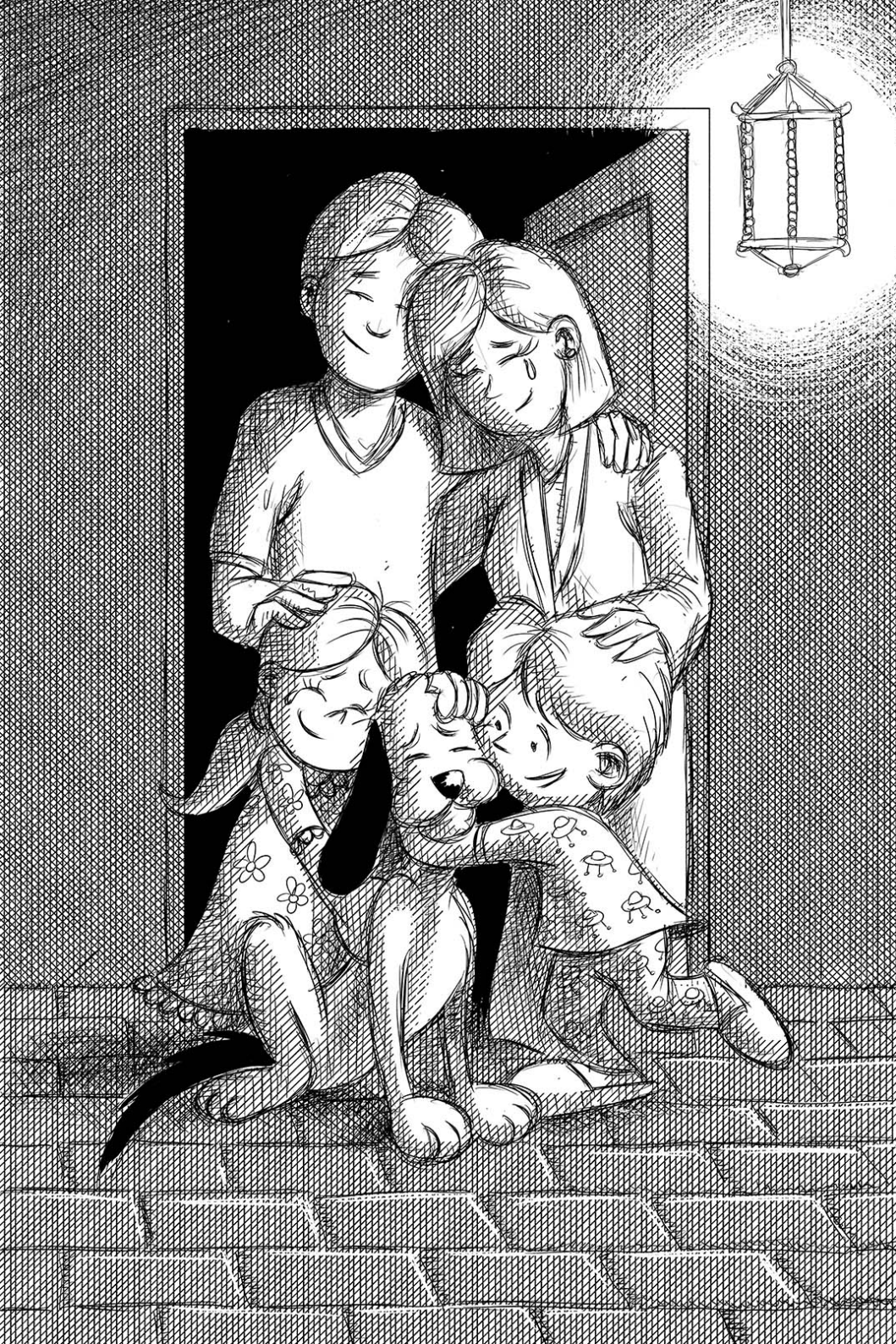
Voltamos às ruas em busca de mais animais e logo achamos outro gato, o Lalau, aquele que tinha fugido de casa. Clara e João tentaram pegá-lo, mas ele não deixou e pulou num telhado. Ele miou e me disse: “Não aguento mais ficar preso no abrigo. Prefiro ser um gato de rua”. Eu tentei convencê-lo a voltar. Lati e lhe disse: “No abrigo você tem comida e carinho”. Ele respondeu: “Na rua eu vou achar comida e também vou encontrar a liberdade”. Então, ele se foi. Clara e João queriam ir atrás dele, mas eu fui para outro lado e lati para eles me seguirem.

Caminhamos bastante sem achar animal algum. Até que encontramos o cachorro Pingo, aquele que se perdera dos donos. Ele ficou feliz de ver a gente e foi logo nos cumprimentar. No caminho de volta, de repente, ele viu uma casa e ficou alvoroçado. Latiu e falou que aquela era a antiga casa dele. Ele começou a latir alto, chamando seus antigos donos.

Será que eles iam acordar? Será que iam reconhecer os latidos dele? Logo, uma senhora abriu a janela, viu o cão e gritou:

— Pingo! Você voltou!

Ela, o marido e os filhos saíram e vieram abraçar o cachorro, chorando de alegria. Eles contaram para Clara e João que Pingo se perdera um ano antes. Eles fizeram de tudo para achá-lo, mas não conseguiram. E agora, aconteceu um milagre, ele voltou pra casa! Toda a família ficou super feliz! E nós também.



Logo seguimos adiante em nossa busca.

Ouvimos gritos. Corremos em direção a eles e encontramos algumas pessoas assustadas com uma serpente. Era a cobra que morava no abrigo. Um homem pegou um pedaço de pau e ia matar a bichana, quando Clara gritou:

— Não! — Ela avançou, pegou a cobra do chão e a colocou em volta do pescoço. Todas as pessoas que viram a cena ficaram boquiabertas com a coragem da menina.



Clara nem se deu ao trabalho de explicar que a cobra não era venenosa. Saiu andando, toda altiva, parecendo a menina mais corajosa do mundo. Eu e João fomos atrás dela, que disse:

— Não temos tempo a perder. Vamos ver se a gente consegue achar mais algum bicho perdido.

Capítulo 10

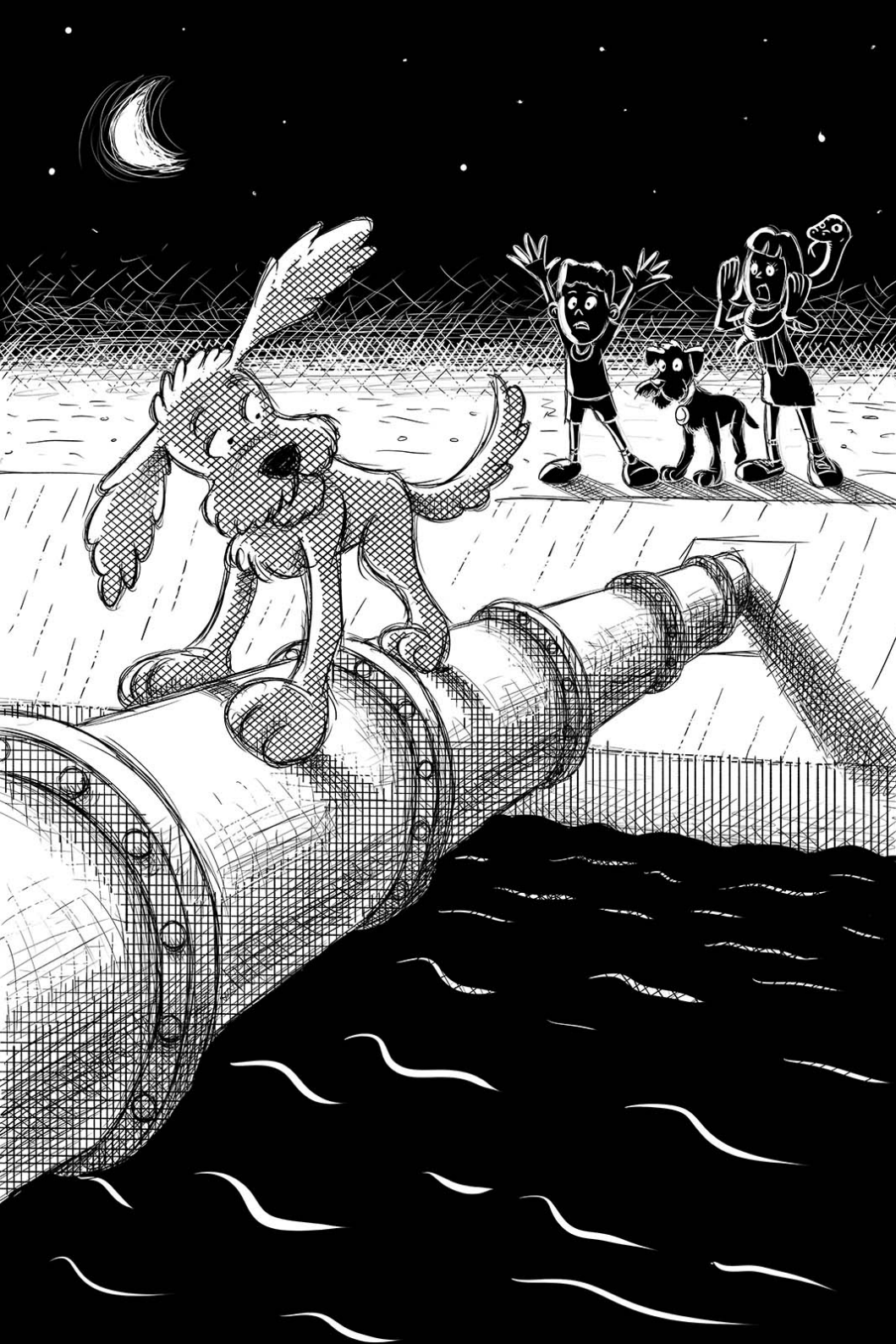
Não demorou muito para avistarmos Bento, o cachorro que tinha medo de pessoas. Ele tinha melhorado bastante com a ajuda de Clara, mas ainda era medroso. Ele estava longe de nós, tentando atravessar uma rua, assustado com os carros.

Clara gritou o nome dele, eu latí bem alto, mas ele não nos ouviu. Atravessou a rua e quase foi atropelado.



O susto o fez sair desembestado. Chegou à beira de um rio. Subiu por um gasoduto que passava por cima das águas. Nós corremos até ele. Quando chegamos mais perto, eu latí. Bento olhou para nós e nos reconheceu. Abanou o rabinho de felicidade. Clara o chamou:

— Oi amigo, vem pra cá!



O cão deu meia volta, mas suas patas de trás escorregaram. Ele tentou se segurar com as da frente, em desespero, mas não conseguiu. Ele caiu no rio.

Oh, não! E agora? O que faremos?

Vi que Bento não conseguia nadar direito e estava se afogando. Eu nem pensei duas vezes. Corri adiante dele pela margem e pulei no rio para tentar salvá-lo. A água estava fria e suja de esgoto. Eca! Mas eu não desanimei.



Nadei até Bento, agarrei-o pela coleira e, com dificuldade, levei-o para a margem, onde ambos respiramos aliviados.

Mas nossos problemas não tinham acabado. A margem do rio era muito inclinada, e nós não conseguíamos subir. Clara e João chegaram perto de onde estávamos. Ela gritou:

— E agora, Toby? Como podemos tirar vocês daí?

João teve uma ideia. Ele prendeu os pés a algumas raízes que saíam do chão e se deitou no solo. Daí falou para Clara:

— Desce pra pegá-los, que eu te seguro.

Clara se deitou no chão e veio descendo até nós, enquanto João segurava os pés dela. Só que, mesmo esticando-se ao máximo, ela não conseguia nos alcançar.



Então, Clara pegou a cobra que estava em volta do seu pescoço e a esticou em nossa direção. Eu agarrei a cauda da serpente com a boca, e Clara começou a me puxar pra cima. Bento mordeu meu rabo e veio junto.

Com dificuldade, saímos da água e conseguimos escalar a ribanceira, até que finalmente chegamos à margem de cima do rio. Ufa! Ficamos muito felizes!

Todos nós voltamos ao Lar Animal, são e salvos. Antes de chegarmos, tivemos ainda a sorte de encontrar um hamster, que estava subindo num saco de lixo pra procurar comida. João o pegou. Enfim colocamos os animais encontrados de volta em seus recintos protegidos.

Sentimos falta de alguns, principalmente do papagaio, que era muito falante e chamava atenção para si. Que pena que não conseguimos encontrá-lo. Clara fechou o local e voltou para a casa dela, enquanto eu e João voltamos para a nossa.

No dia seguinte, Clara contou para Seu Alberto e os voluntários tudo o que tinha acontecido. Apesar de alguns dos animais não terem sido encontrados, nossas buscas noturnas conseguiram salvar vários bichos queridos e evitar um desastre maior.

TERCEIRA PARTE

Capítulo 11

Em um fim de semana ensolarado, todas as crianças do abrigo resolveram brincar no quintal. Eu fui com elas, é claro. Laís jogou uma bola no chão, eu corri pra buscá-la e a trouxe de volta. As crianças gostaram tanto disso, que resolveram transformar em uma brincadeira. Elas se revezavam em jogar a bola para eu ir buscar. Ficavam felizes cada vez que eu alcançava a bola e a trazia de volta.

Estava calor, e as crianças resolveram tomar banho de mangueira. Foi uma delícia se molhar naquela água refrescante!

Enquanto tudo acontecia, percebi que aquele era um dos melhores momentos da minha vida. Tudo o que sonhei estava acontecendo. Eu tinha pessoas que me davam comida, que brincavam comigo e me enchiam de amor e carinho. O que mais eu podia querer na vida?



Em um dia de semana nublado, apesar da suspeita de chuva, as crianças saíram para o passeio de costume na praça. No caminho, um furgão freou de repente, cantando pneu, ao lado das crianças.

Dois homens, usando bonés e máscaras, abriram a porta lateral do veículo, pegaram à força duas meninas, Ana e Laís, e as jogaram para dentro do furgão.



João teve o impulso de segurar Laís, mas foi puxado junto para dentro do furgão, que fechou rapidamente as portas e saiu em disparada, levando as crianças. Eu estava na coleira, sendo levado por Luís. Soltei-me e saí correndo atrás do veículo, mas não consegui alcançá-lo.

Foi difícil acreditar no que tinha acontecido. Três crianças raptadas na nossa frente. Foi tudo tão rápido. Fiquei muito triste por não ter conseguido impedir aquilo.

Voltamos imediatamente para casa, onde as funcionárias chamaram a polícia, que veio fazer perguntas a todos. Repórteres de TV e jornais também vieram documentar a ocorrência. Todos faziam a mesma pergunta:

— Quem iria sequestrar crianças órfãs? Por que alguém faria isso?

Luís estava arrasado por terem levado a irmã dele. Os dois estavam despedindo-se do abrigo, pois os papéis de adoção tinham ficado prontos, e os novos pais iriam levá-los para casa no dia seguinte.

Eu estava triste, principalmente por causa de Ana e João, que se tornaram meus melhores amigos humanos, junto com Clara. As lembranças do momento do sequestro ficaram repetindo-se na minha mente. Até que lembrei de um detalhe. Um dos homens do furgão tinha uma cicatriz de queimadura na mão direita.

Capítulo 12

À noite, Clara veio até o abrigo e me chamou. Ela me contou que viu a notícia sobre o sequestro e suspeitava que os ladrões da rua dela estavam envolvidos. Achava que talvez pudesse segui-los e descobrir onde era o esconderijo deles.

Fomos até a frente da casa dela, onde os ladrões costumavam ficar, mas eles não estavam lá. Não sabíamos como prosseguir. Então, decidi usar meu faro. Fiquei farejando o chão, pra ver se sentia o cheiro de Ana, Laís ou João. Não tinha muita certeza do que estava fazendo. Só segui meus instintos.

Farejei da melhor maneira que pude até que fomos parar no portão de uma mansão abandonada.

Clara estranhou o local e perguntou:

— Você tem certeza de que eles estão aí dentro?

Eu não tinha certeza, mas lati, afirmando que sim. Ela acreditou em mim e disse:

— Esta casa parece mal-assombrada. Eu não tenho coragem de entrar aí.



Mas ela não precisava, bastava que eu entrasse. O muro não era tão alto. Clara encurvou-se pra frente e olhou pra mim. Peguei impulso, saltei nas costas dela e a usei de trampolim para pular por cima do muro. Assim, aterrissei no jardim da mansão, que estava todo malcuidado, cheio de mato alto e até plantas com espinhos. Pra completar o cenário de terror, ouvimos trovões e começou a chover.

Continuei caminhando até a porta principal. Senti o cheiro das crianças lá dentro. Mas senti também um outro cheiro forte de... cachorro. Algum cachorro morava naquele lugar. Escutei um rosnado. Olhei para trás e vi um cão enorme, preto, da raça rottweiler. Ele não parecia nada feliz por eu ter invadido seu território. Ele latiu forte e grosso para mim, dizendo: “Saia daqui agora, senão vou triturar você com meus dentes afiados!”

Eu pensei em tentar conversar, mas senti que ele não iria mudar de ideia. Então, resolvi tomar a atitude mais sábia naquela situação: saí correndo desesperado!

O cachorrão veio atrás de mim. Eu não tinha muito pra onde ir, pois estava preso dentro dos portões da mansão. Eu corri em volta da casa. Ele veio no meu encalço. Era um cão grande, mas, justamente por isso, era um pouco mais pesado e lento do que eu. Ele me perseguia, mas não me alcançava. Mesmo assim, eu não sabia como sair daquela situação. Não podia ficar correndo eternamente em volta daquela casa mal-assombrada com um cachorro enorme e mal-encarado atrás de mim. Pensei em tentar sair como en-

trei, mas não conseguiria pular o muro sozinho, e não tinha nada do lado de cá que me servisse de trampolim.

A chuva se transformou em um temporal. Caía tanta água do céu, que mal conseguia enxergar para onde estava correndo. Em certo momento, eu tropecei e caí no chão. O cachorro veio e me deu uma mordida no traseiro. Gritei de dor! Seus dentes eram realmente afiadíssimos. Mas logo consegui me desvencilhar dele e dei no pé.

O medo de levar outra mordida renovou minha energia. Comecei a saltar por cima de alguns obstáculos, pra testar a agilidade do rottweiler. Pulei sobre um tronco caído no chão. Ele pulou atrás. Saltei sobre uma planta cheia de espinhos. Ele tentou saltar...



...Mas o grandão não conseguiu e caiu bem em cima dos espinhos. Deu um ganido de dor e parou de me perseguir. Ficou mancando e chorando, com os espinhos grudados em seu corpo.

Nesse momento, alguém abriu a porta da casa pra checar o que estava acontecendo. Era um dos ladrões, o que era alto e tinha a cicatriz na mão. Ele saiu para olhar o cão e deixou a porta aberta. Eu aproveitei para entrar sem ele perceber.

Sorratamente, andei pela mansão abandonada. Havia alguns móveis cobertos com lençóis brancos, muito pó em todo lugar, teias de aranhas nos cantos e um teto caindo aos pedaços. Era um lugar assustador!

Caminhei atrás do cheiro que sentia e do som que escutava. Subi uma escada velha, que rangia em cada degrau. O teto tinha muitas goteiras. Comecei a escutar uma voz grossa falando:

— Vocês me pediram um furgão com motorista para pegar umas crianças órfãs. Eu gostei da ideia. Vou vender essa mais velha como escrava, e os dois mais novos pro tráfico de órgãos. Mas vocês acharam que ninguém iria se importar, pois as crianças não têm pais. De repente, elas aparecem em todos os noticiários. Vocês são uns paspalhões! E agora, o que a gente faz? Não precisa responder. Já mandei vir o carro. Vamos levá-las pra bem longe daqui, antes que a polícia nos ache.

Dei uma espiada para dentro da sala. Vi um homem mais velho, que parecia ser o chefe, e o ladrão baixinho, que já

tinha visto em frente ao Lar Animal. As crianças estavam amordaçadas e com as mãos amarradas. Ana estava presa a uma cadeira antiga. Acho que, por ser mais velha, estava dando trabalho aos bandidos.



Pensei no que eu deveria fazer. Senti vontade de avançar e morder os sequestradores, mas achei sábio esperar um momento mais apropriado.

Um carro buzinou lá fora. Corri para outro cômodo e olhei pela janela. Era o mesmo furgão que tinha sequestrado as crianças, parado na frente do portão. O ladrão que estava no quintal, tirando os espinhos do cachorrão, foi abrir o portão. O furgão entrou. Notei que Clara também entrou escondida atrás do veículo. Escutei o chefe falando:

— Vamos descer com as duas crianças, que eu vou mandar o Tião vir buscar a adolescente.

O temporal lá fora ficou mais intenso ainda. Os criminosos desceram com Laís e João. O carro parou na porta. Eu desci a escada silenciosamente atrás deles.

Vi o chefe puxando Laís com força. Fiquei bravo e soltei um rosnado. Eles perceberam a minha presença.

— Como esse bicho veio parar aqui?

Nisso, o ladrão que estava no quintal apareceu segurando Clara e dizendo:

— Olha quem eu achei bisbilhotando lá fora!

O chefe revistou a menina e pegou o telefone celular dela. Vasculhou as chamadas recentes e se assustou:

— Você chamou a polícia?!

— Vai chegar a qualquer momento. Quero ver vocês explicarem tudo isso! — Clara alertou.

João Vítor tentou se desvencilhar do bandido que o puxava, mas levou um tapa na cabeça. Eu não consegui mais me segurar. Avancei e mordi o braço do ladrão com toda a minha força. Ele começou a gritar de dor e a me chacoalhar. Eu não o larguei de jeito nenhum. Mas daí o chefe puxou

um revólver e me deu uma coronhada forte na cabeça. Eu gani de dor e caí no chão.

Em seguida, ouvimos o forte estrondo de um raio, que atingiu uma árvore enorme no quintal. Um galho caiu bem no teto da mansão. Sentimos o impacto fortíssimo, e pedaços do teto caíram sobre a escada onde eu tinha acabado de passar.



O chefe gritou:

— Vamos embora, a casa vai desmoronar a qualquer momento!

Eu ainda estava tonto e vi os homens empurrarem as crianças, inclusive Clara, para dentro do furgão.

Um dos ladrões perguntou:

— E a garota lá em cima?

O chefão respondeu:

— É muito arriscado subir agora. Deixa ela lá!

Eles fecharam as portas do furgão. Eu me recuperei da pancada. Mas não sabia direito o que fazer: perseguir o carro ou subir para tentar salvar Ana?

Optei por Ana. Subi a escada, pela parte que ainda sobrava dela, fui até o quarto e vi um galho enorme atravessado no teto. Felizmente, Ana estava viva, no meio dos escombros. Ela chorava de desespero e ficou muito feliz ao me ver.

Eu mordi a corda que a amarrava na cadeira. Chacoalhei e puxei com toda força, até que o nó se afrouxou. Ana conseguiu soltar as mãos e se livrar dos escombros. Ela logo me agradeceu:

— Obrigada, Toby, você salvou a minha vida!



Capítulo 13

Nós descemos a escada. A porta principal estava aberta. Vi que o furgão ainda não tinha saído do quintal da casa. Isso porque uma viatura da polícia estava passando na rua, atendendo ao chamado de Clara. O furgão tinha apagado os faróis para não chamar a atenção.

Assim que eu e Ana saímos, um pedaço da casa desmoronou, fazendo um barulhão. Ufa, escapamos por pouco!

O ruído chamou a atenção dos policiais, que já estavam indo embora, mas resolveram voltar. Ana gritou por socorro. O furgão acelerou e saiu pelo portão em disparada. Eu saí correndo atrás dele. O carro de polícia também.

Corri o mais rápido que pude, mas não consegui alcançar os sequestradores. Notei que persegui-los a pé seria inútil e pensei em desistir.

Na esquina seguinte, o furgão tentou passar um sinal vermelho, quando um caminhão cruzou na frente dele. O carro dos bandidos freou com tudo para não bater no caminhão. Mas aí a viatura, que ia atrás deles com velocidade, se chocou com o automóvel dos ladrões. A janela de trás do furgão se espatifou, revelando as crianças sequestradas lá dentro.

Eu dei um pinote até os veículos, saltei, subi em cima da viatura, depois pulei através da janela quebrada e entrei no furgão.



Os bandidos se assustaram comigo. Por essa, eles não esperavam!

O motorista acelerou e passou pelo farol vermelho. A viatura da polícia tinha sido danificada na batida e não conseguiu continuar a perseguição. Eu era a última esperança daquelas crianças. Pulei para o banco da frente e mordi o bandido baixinho. Ele se assustou tanto que abriu a porta e se jogou pra fora. Daí eu abocanhei o braço do motorista com toda a força e chacoalhei sem parar.



O homem ficou desesperado e saiu dirigindo desembestado em alta velocidade. O chefão tentou me dar coronhadas pra eu largar o braço do condutor, mas eu não larguei. Até que o motorista soltou o volante. O veículo ficou desgovernado e bateu com tudo em um poste.

Então eu pulei para a parte de trás e comecei a morder o ladrão altão. Clara era a única que não estava amarrada. Ela aproveitou a bagunça pra soltar as amarras de João. O ladrão pegou do chão uma barra de ferro e tentou me bater com ela, mas Clara arrancou o ferro dele e lhe deu uma paulada na cabeça, deixando-o desacordado.

O chefão abriu a porta lateral e saiu. Eu fui atrás dele. Quando viu que eu ia atacá-lo, ele apontou seu revólver em minha direção e atirou, BAM!

Mas o tiro não me acertou. Eu me assustei com o barulho da arma e não ousei avançar nele. Percebi que o homem ia atirar de novo em mim. Fiquei paralisado.

Então João entrou na minha frente, pra me proteger. Num *flashback*, lembrei do momento em que eu protegi João dos cachorros vadios na praça. Agora, o menino estava fazendo o mesmo por mim. Fiquei orgulhoso dele.

O chefão falou pra João sair da frente, mas ele não saiu. Então o criminoso empurrou o menino com força. João caiu com tudo no chão, bateu a cabeça e desmaiou. Oh, não!

Fiquei irado! Avancei com toda a força no chefão e mordei o braço dele, fazendo-o soltar o revólver.



Em seguida, o vilão fugiu correndo. Eu fui atrás e mordi o bumbum dele. O homem gritou de dor e continuou andando, mas eu não larguei e fui junto, até que a calça dele rasgou, revelando as nádegas brancas, com a marca rosada dos meus dentes.

Naquele momento, Clara pegou do chão o revólver pesado, apontou para o vilão e o ameaçou:

— Fica parado aí, senão eu te encho de balas!

Mas ele não se intimidou e avançou, com o intuito de pegar a arma dela. Clara hesitou, depois atirou. Mas não conseguiu acertar o criminoso. Além disso, a arma deu um coice forte e se soltou da mão dela, caindo no chão. O vilão correu para tentar reaver a arma. Clara foi mais rápida, pegou o revólver do chão e o jogou num bueiro.

Eu voltei a atacar o homem, mordendo o braço dele, depois a perna, até que ele caiu no chão, totalmente desnortado e gritando:

— Por favor, tira esse cachorro de cima de mim!

Mas eu não saí de cima dele até a polícia chegar, momentos depois.

Estava preocupado com João, estirado no chão. Eu lambi o rosto dele com carinho. Logo ele despertou e disse aos policiais que estava bem. Fiquei aliviado. Os criminosos foram presos, e as crianças estavam a salvo.



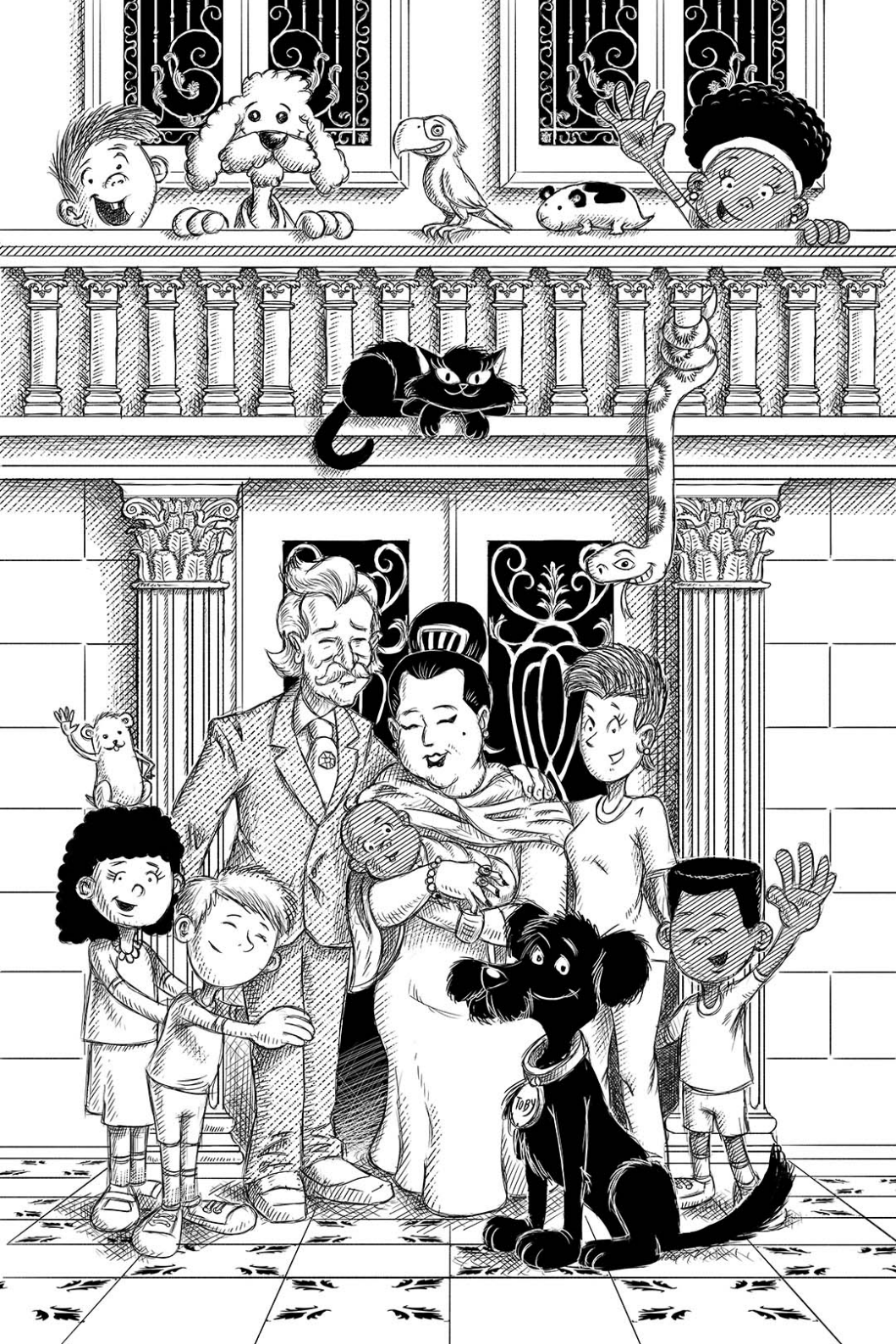
Epílogo

No dia seguinte, aparecemos nos noticiários de todo o país. Clara, Ana, Laís e João contaram aos repórteres tudo o que havia acontecido e me fizeram muitos elogios, dizendo que eu fui o grande responsável pelo resgate deles. Tiramos muitas fotografias, sorrindo juntos.

No abrigo, fomos recebidos com alegria. Laís e Luís finalmente puderam ir morar com seus novos pais e se despediram de todos com grande emoção.

Então, aconteceu algo que ninguém esperava. Aquela atriz famosa, chamada Diva, apareceu junto com Júlio, o milionário. Eles contaram que se conheceram na praça, no dia da minha adoção. Ficaram tristes que eu não os escolheira. Começaram a conversar e logo se apaixonaram. Eles se conheceram por minha causa e sentiam gratidão por isso. Diva ama animais e não pode ter filhos. Júlio quer ter filhos e também ama bichos. Por isso, o casal resolveu adotar todos os animais do Lar Animal e todas as crianças do Centro de Acolhimento Vida Nova. Recebemos a notícia com grande contentamento.

Todos nós fomos morar numa mansão enorme, cheia de mordomias e mimos. Eu fiquei infinitamente feliz, pois agora morava junto com os animais e as crianças que eu tanto amava.





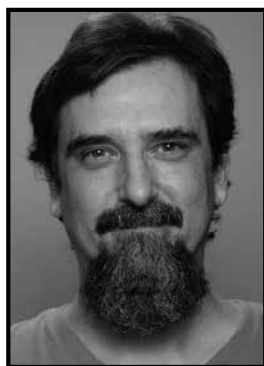
Flávio Colombini

Escritor

Sou formado em Cinema. Comecei escrevendo roteiros, depois migrei para os livros infantis. A ideia para essa história ficou guardada muito tempo em minha mente. Um dia, eu a contei para meu amigo, Lúcio Mazzaro. Ele gostou da sinopse e mostrou interesse em fazer as ilustrações. Só então eu sentei a bunda na cadeira e escrevi o texto no computador. Quando terminei a primeira parte, achei que a história podia continuar. Daí escrevi a segunda e a terceira partes do livro. Então Lúcio fez os desenhos, e aqui está o livro em suas mãos. Espero que você tenha gostado! Na vida real, eu nunca tive um cachorrinho, mas na imaginação eu já tenho. Ele se chama Toby e é um herói.

Se você quiser conhecer os outros livros que escrevi, visite meu site: www.flavito.com.br

Ilustrador



Lúcio Mazzaro

Sempre tive paixão pelas imagens: nas revistas em quadrinhos, nos desenhos animados da TV e nos filmes do cinema. Entender a forma como cada uma dessas artes nos inspira e nos emociona foi a motivação para exercitar uma forma própria de me expressar artisticamente.

No desenho, comecei copiando os personagens dos outros, para depois aprender a criar os meus. Fiquei muito feliz quando li a história do Toby. Ao conhecer o mundo, ele vai conhecendo também a si mesmo. Assim, eu também fui me conhecendo a cada passo de criação dos desenhos, pois pude experimentar outra forma de desenhar, com traços em preto e branco como nunca havia feito antes. Foi um trabalho árduo, cuja beleza foi recompensadora pra mim, e espero que seja também pra você. Se você quiser ver outros desenhos que eu fiz, acesse meu Instagram: [@lucio.mazzaro](https://www.instagram.com/lucio.mazzaro)

SE VOCÊ GOSTOU DESTA E-BOOK...



COMPRA O LIVRO EM PAPEL

É um lindo presente para seus filhos, sobrinhos, netos, amigos, ou alguém especial!

Clique no link abaixo para ver onde o livro é vendido:

www.flaviocolombini.com/quer-me-adoptar

AJUDE OUTROS A CONHECEREM O LIVRO!

Escreva uma avaliação positiva na loja em que você baixou o e-book. Conte para seus amigos que você leu um livro legal!

SIGA O AUTOR NAS REDES SOCIAIS

www.instagram.com/flaviocolombini



www.youtube.com/Flaviocolombini



www.tiktok.com/@flaviocolombini



www.facebook.com/flavito10



CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DE FLÁVIO COLOMBINI

